

Crescer é o maior desafio

Na segunda-feira, investidores estrangeiros visitaram no Rio de Janeiro o presidente do Banco Central, Armínio Fraga. Eles queriam saber o que o Brasil fará para manter a inflação baixa — com política monetária apertada — e para fazer o País crescer. “É fundamental criar um ambiente econômico estável para aumentar a taxa de poupança”, disse o presidente do BC. Para alcançar esse objetivo, ele defende o controle rígido dos gastos públicos. A disciplina fiscal, porém, deve aliar-se ao câmbio flutuante, que melhorará as contas externas e trará um saldo positivo das exportações sobre importações (superávit).

Em março, a equipe econômica expôs a banqueiros internacionais que o Brasil alcançará um superávit comercial de US\$ 7,4 bilhões. No próprio governo, porém, o número é visto como um exagero. Para o Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio o resultado não passará dos US\$ 2 bilhões. A expansão mais modesta dos países desenvolvidos diminuirá as encomendas dos produtos brasileiros. A superoferta de mercadorias com preços internacionais diminuirão importantes fontes de receitas obtidas nas vendas de café, soja e açúcar — as *commodities*.

Para o ex-ministro da Fazenda Delfim Netto, o Brasil só vai melhorar as contas internacionais e se desenvolver com uma agressiva expansão das exportações. O governo, para ele, precisa estimular os bancos oficiais e privados a aumentar os empréstimos para quem faz negócios no exterior, especialmente pequenos e médios empresários. “Com a lenta reação comercial os credores podem duvidar que o País honrará seus compromissos financeiros”.

DÍVIDA

O medo de Delfim Netto refere-se ao nível da dívida interna do país, que chegou em março a R\$ 470 bilhões, 48,2% do Produto Interno Bruto (soma das mercadorias e serviços produzidos em um ano). Para 1999, o ING Barings prevê que a cifra chegue a 51% do PIB, baixando para 47,5% em 2000 e 46,5% em 2001.

Para Paulo Leme, diretor do banco Goldman & Sachs, o Brasil só conseguirá controlar a expansão da dívida líquida com um agressivo programa de controle de despesas. “A garantia da sustentabilidade do programa será feita com duas medidas: redução dos gastos públicos com salários e o aprofundamento da reforma da Pre-

vidência, que prevê a privatização de parte do sistema.”

Na sua avaliação, as vendas das estatais estão muito lentas, especialmente as do setor elétrico. “O leilão dessas companhias diminuirá o endividamento do Estado, cortando seus problemas de orçamento. Também é importante para melhorar o caixa do Tesouro a alienação do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Petrobras”.

Embora a situação do país tenha melhorado, suas finanças continuam vulneráveis. Para o professor Luiz Gonzaga Belluzzo, da Universidade de Campinas (Unicamp), o câmbio flutuante aumenta a fragilidade dos países em desenvolvimento. “Qualquer queda do fluxo de dólares eleva o câmbio com muita rapidez”.

A atual crise na Argentina está trazendo efeitos sobre o Brasil. Na quinta-feira, o nervosismo do sistema financeiro não permitiu que o governo lançasse títulos pré-fixados. O dólar, que vinha na faixa de R\$ 1,65, fechou na sexta-feira a R\$ 1,70. “Os problemas do vizinho vão piorar. Os investidores ficarão nervosos. Haverá venda de papéis da dívida externa e fuga de dólares. Assim, o governo deverá aumentar os juros, o que agravará a recessão”.